Boletim Operário 354

Caxias do Sul, 11 de setembro de 2015.

Critica ao descalabro financeiro

A nossa situação é a mias desesperada possível, o câmbio cada vez mais baixo e entretanto o governo que se diz representar a opinião pública e pela qual diz estar apoiado, faz-se cego e surdo aos gritos aflitivos do povo que se debate com a mais ameaçadora das misérias, a fome. Não há gênero algum, mesmo os que são produção do país, que não tenha triplicado de valor: a carne, o peixe, a farinha, o arroz, o açúcar, o café, tudo enfim é vendido por um preço tal que em breve será impossível a população menos abastada suprir-se dos alimentos indispensáveis à vida. Diante de tanta miséria qual é a atitude desse governo tão forte e cheio de prestígio!
Nenhuma que nos conste.
Quanto ao governo que ora nos felicita ignoramos qual seja até este momento o remédio que tenciona dar como lenitivo à tanta miséria. Será por acaso o esbanjamento dos dinheiros públicos, mandando consertar por conta do Estado os vasos de guerra da marinha da União? Será o dinheiro esperdiçado com os emissários eleitorais disseminados por todo o interior? Será ainda o prejuízo não só dos dinheiros do Estado como também o atropelo do serviço público com a ausência de empregados da secretaria do governo fiscal do corpo de polícia e major do corpo de bombeiros? Não, tudo isto é em beneficio do ilustre "aclamado" e dos seus amigos .
Que importa a miséria e a fome que assola o povo, quando as arcas do tesouro regurgitam com o produto de impostos vexatórios desse mesmo povo, para esses garotos satisfazerem todas as suas necessidades e vaidades da vida; cheia sua barriga e a dos seus camaradas que lhes importa essa turba de "imbecís" que aí estão a morrer de fome!
Mas, ah! O dia da justiça não tarda, esse dia será tremendo para os governos ineptos e ambiciosos que só cuidam em galgar posições, mesmo aquelas para as quais não tem a mais pequena aptidão, não cuidando um só instante das massas populares contra esses a nossa justiça será inexorável.

Gutenberg
Manaus – AM
1 de maio de 1892.

Critica ao Encilhamento

Preparemo-nos!

A vida no Brasil vai-se tornando impossível para os que trabalham e procuram haver licitamente o bem-estar e a fortuna.
As indústrias definham, a produção diminui, os meios de transporte anulam-se, e o comércio retrai-se ante prejuízos nunca sentidos nas mais calamitosas crises de que temos memória.
Verediano Carvalho
Aquela orgia desenfreada de bancos e companhias, decretos e emissões que passou como um bando negro de panteras esfaimadas pelo ano de 1890, terminou pela mais espantosa e escalavrada ruína! Hoje caminhamos por sobre os destroços da bolsa que constituem um montouro de misérias, com a alma confrangida e despedaçada por ver tanto lodo e pus provocar-nos o asco e o nojo.
Chegamos, como diz Poulett Thompson, àquele estado de languidez, que tantos os corpos políticos, como os indivíduos experimentam depois de um excessivo esforço.
As bacanais do encilhamento embebedaram uma turba enorme de ganaciosos que fascinados pelo falso brilho de tremendas patotas ganharam somas fabulosas em umas especulações para logo perderem-nas em outras não menos indecentes.
Espalharam-se milhões e milhões, jogou-se miseravelmente até com fortunas alheias e o resultado aí está no descrédito da nação e nas dificuldades financeiras em que estamos comprometidos.
Concessões sobre concessões, ladroeiras em cima de ladroeiras, jogatinas mais escandalosas umas amontoadas sobre outras, deram-nos isso que aí vemos e que é para nós uma vergonha eterna!
Os que jogaram, por aí andaram póalidos e arrependidos enquanto que os que trabalhavam continuam a trabalhar cada vez com mais afinco para resistir à onda das dificuldades insuperáveis. Vamos por cima de ruínas espantosas bater às portas da miséria. E não se pense que isso seja ainda uma utopia ou sonho pessimista de visionário. Não. A verdade, a bela filha do céu na expressão de Lamenais, aí está.
Verediano Carvalho com toda a sua portentosa autoridade o afirma pelas colunas do tempo nas palavras com que encimamos estas linhas.
Aquele Brasil de grandezas que não consentia que seus filhos morressem de fome, obumbrou-se.
Estamos agora diante do Brasil que atravessa a "crise da sua properidade."
Achamo-nos diante de fatos gravíssimos e estupendos.
As indústrias tomaram vulto, as populações cresceram vertiginosamente como uma coluna mercurial a que se chegasse um fósforo acesso e todo esse crescimento é precursor de grandes males que é preciso remediar. Acautelemo-nos, é tempo de nos pormos a coberto das dificuldades que ameaçam devorar-nos.
Preparemo-nos e esperemos a onda que tarde ou cedo há de espoucar a nossos pés.
O operário europeu está para miséria européia na mesma proporção em que o operário brasileiro está para a conflagração brasileira.
Este estado indeciso em que nos achamos, é a antecâmara de indigência. Convencei-nos dessa verdade, ó vós que viveis entregues ao afã enorme da luta pela vida.
Preparemo-nos, não muito longe de nós está a miséria com todo seu cortejo de horrores; ela caminha sinistramente para nós esgoelada, imunda numa dança macabra descomunal, nosso primeiro cuidado deve ser: resistir para não sucumbir.
Cuidemos de nosso bem-estar libertando-nos das peias que nos tolhem os passos; é esse o mais imperioso dever do operário na atualidade.
A diminuição das horas de trabalho e o aumento de salário são os excelsos problemas que uma vez resolvidos podem trazer-nos um aparente bem-estar para alertar-nos de modo a podermos chegar até a conquista da libertação integral.
Trabalhemos para que não perigue o nosso futuro e nossa honra!
Acautelamo-nos para não sermos pilhados pela borrasca das necessidades terriveis que enegrece o céu da pátria. Preparemo-nos para dias melhores porque os que atravessamos são de luto e dores para a grande família operária que está a braços com estúpidas dificuldades.

O Operário
Campos, Estado do Rio de Janeiro
15 de maio de 1892.